



Asset

Carta do Gestor

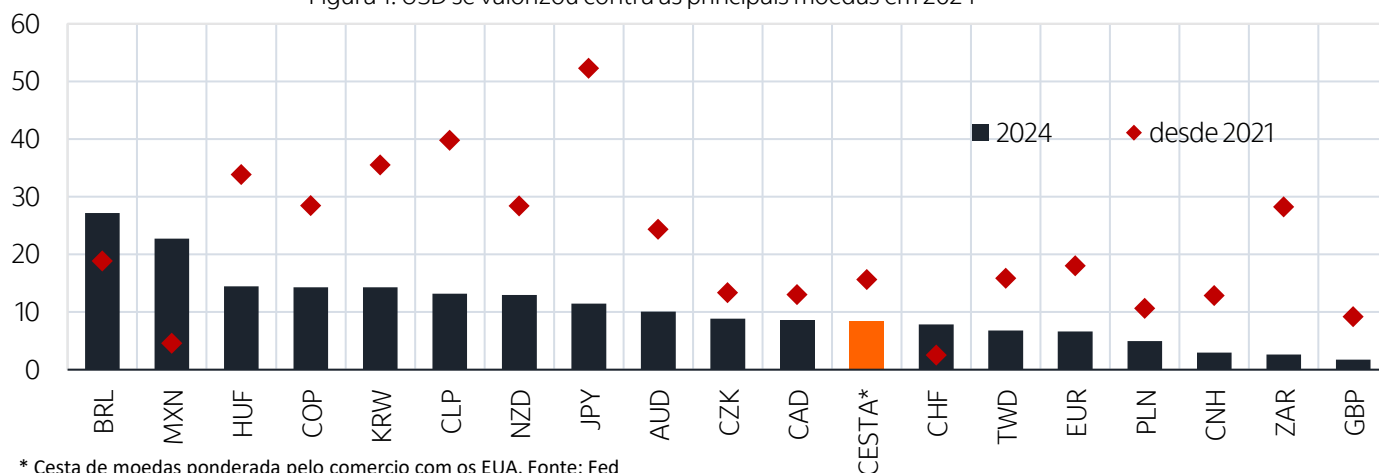
Itaú Janeiro

Janeiro 2025

Cenário internacional – Força econômica dos EUA continuará impulsionando o USD

Em 2024, o dólar americano se valorizou 8,4% em relação a uma cesta de moedas (índice trade-weighted do Fed). Desde que o presidente reeleito dos EUA, Donald Trump, terminou seu primeiro mandato em dez/20, o USD subiu 15,6%. Esse ganho ocorreu tanto contra moedas de países desenvolvidos quanto contra de mercados emergentes (ver figura 1).

Figura 1: USD se valorizou contra as principais moedas em 2024



Fonte: Fed, Bloomberg

O maior dinamismo da economia dos EUA levou o diferencial de juros contra países desenvolvidos próximo ao máximo do pós-covid. A partir de setembro de 2024, ficou novamente clara a resiliência da economia dos EUA. As expectativas com relação ao Fed mudaram bastante, elevando o diferencial de juros dos EUA contra as demais economias desenvolvidas e fortalecendo o USD (ver figura 2).

Figura 2: Dólar seguiu o diferencial de juros, ambos próximos das máximas pós-covid



* Taxa real de 5 anos nos EUA menos uma cesta da mesma taxa na zona do euro (peso 70%), UK (15%) e Japão (15%)

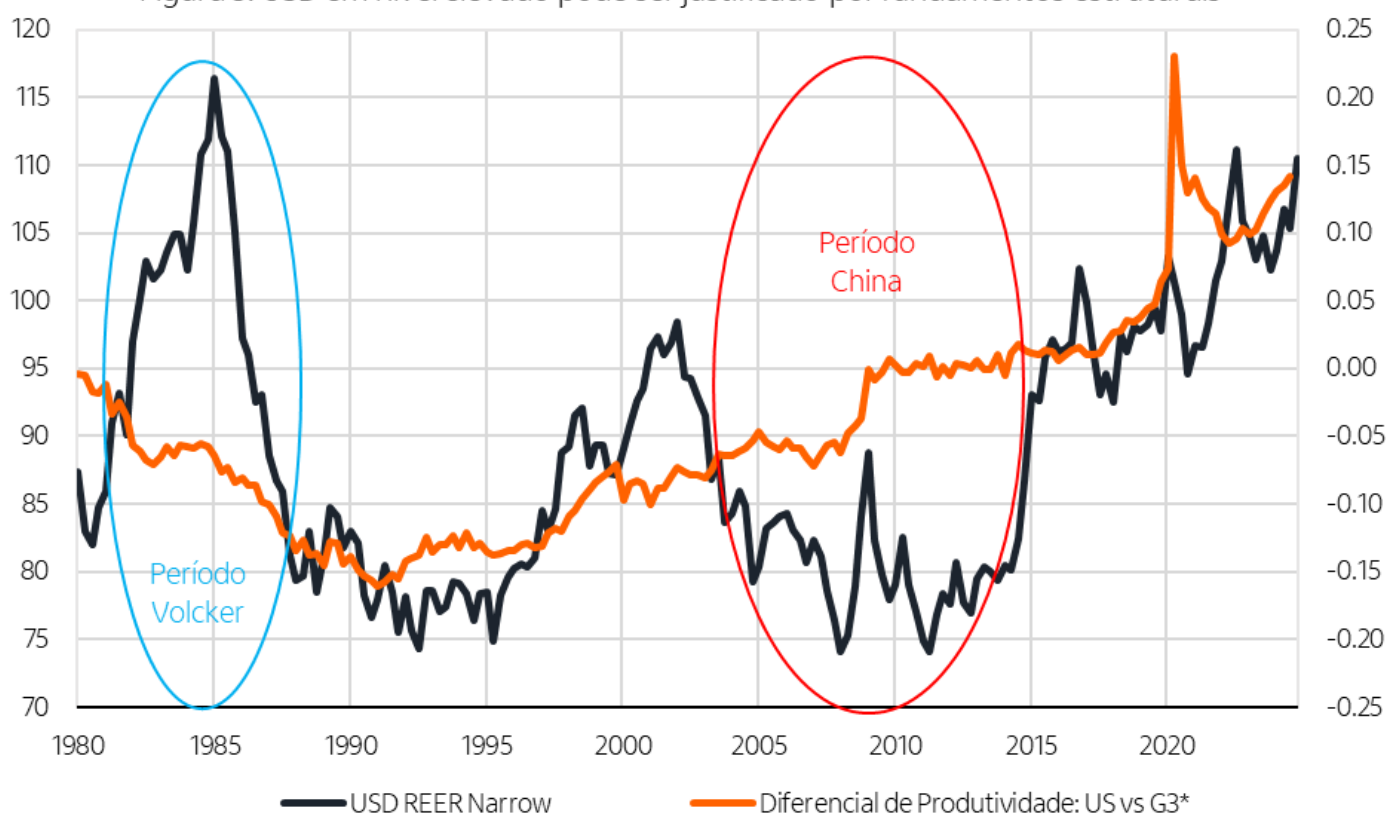
Fonte: Bloomberg, Elaboração: Itaú Asset Management

Diferenças na política fiscal e de imigração importam, mas a diferenciação dos EUA advém principalmente de fundamentos estruturais que geram ganhos de produtividade maiores.

O USD está próximo dos recordes da primeira metade da década de 80. Lá, a valorização foi fruto da política monetária ultra contracionista de Volcker para controlar a inflação. Agora, o diferencial de produtividade parece uma melhor explicação para essa valorização (ver figura 3). A maior produtividade tem efeito direto no câmbio¹. Também ajuda a explicar o maior crescimento, a maior taxa de juros neutra e é importante para o desempenho superior dos mercados acionários nos EUA.

Todos esses fatores atuam conjuntamente, se reforçando, e atraem fluxos de investimento para o país, valorizando o câmbio. Naturalmente, a moeda pode se descolar por períodos prolongados do diferencial de produtividade. Foi o que ocorreu durante o período Volcker e durante a ascensão da China, nas cadeias de produção global, entre 2000-2014. Sempre podem ocorrer novos eventos que façam o dólar se descolar dessa métrica de longo prazo, mas a mensagem mais importante neste momento é de que, apesar de estar próximo da máxima histórica, o dólar atualmente não nos parece “esticado” em relação aos seus fundamentos.

Figura 3: USD em nível elevado pode ser justificado por fundamentos estruturais



* Fonte: Haver, BIS, Itaú Asset. Diferencial (em log) de produtividade por empregado. G3 é média zona do euro, UK e Japão.

¹ O modelo de Balassa-Samuelson, por exemplo, argumenta que o preço da moeda de um país será ditado pelo diferencial de produtividade do trabalho entre este e a cesta de países em comparação.

31 de Dezembro de 2024

A agenda do segundo mandato de Donald Trump também tende a fortalecer o USD.

O governo Trump provavelmente irá elevar as tarifas contra importações da China. Para os demais países, tarifas devem ser usadas como instrumento de negociação, mas com implementação limitada. A política de reduzir a imigração para os EUA deve ir adiante. O Fed tende a ser cauteloso, para ver tanto o impacto das tarifas quanto da imigração na inflação. Na política fiscal, assumimos a extensão das isenções fiscais do TCJA² em 2026. Quanto à agenda DOGE³, avaliamos que o efeito será maior sobre a desregulamentação do que em um corte de despesas mais significativo.

Mas, aqui, vale alguma cautela, porque a agenda Trump já está parcialmente no preço, então uma eventual demora na sua implementação ou foco distinto do esperado pode enfraquecer o USD, ainda que temporariamente. Atrasos ocorreram durante seu primeiro mandato. Agora, a implementação deve ser mais rápida e organizada, mas há dúvidas sobre quais medidas o governo tende a priorizar. Se o foco da agenda fiscal for maior na redução dos gastos, a resultante poderá ser

desinflacionária. Ameaças desorganizadas de tarifas ou no combate à imigração também podem aumentar a incerteza, apertar condições financeiras e reduzir o ritmo de crescimento mais do que elevar a inflação ao longo do horizonte de política monetária

Concluindo, temos um viés para compra do USD, com alguma cautela para o início do mandato Trump em um mercado já posicionado para USD forte.

Nossos shorts preferidos têm oscilado entre moedas asiáticas (principalmente a chinesa), moedas europeias e o dólar canadense, todas com inflação e atividade econômica mais fracas do que nos EUA.



²Tax Cuts and Jobs Act, de 2017. Conjunto de reduções e isenções tributárias aprovadas no primeiro mandato de Trump. Muitas dessas medidas expiram, em tese, em 2026.

³Department of Government Efficiency. Comissão consultiva do governo dos EUA, encabeçada por Elon Musk e anunciada por Trump em 2024, sob o mandato de desregular e reestruturar o governo americano, aumentando assim sua eficiência.

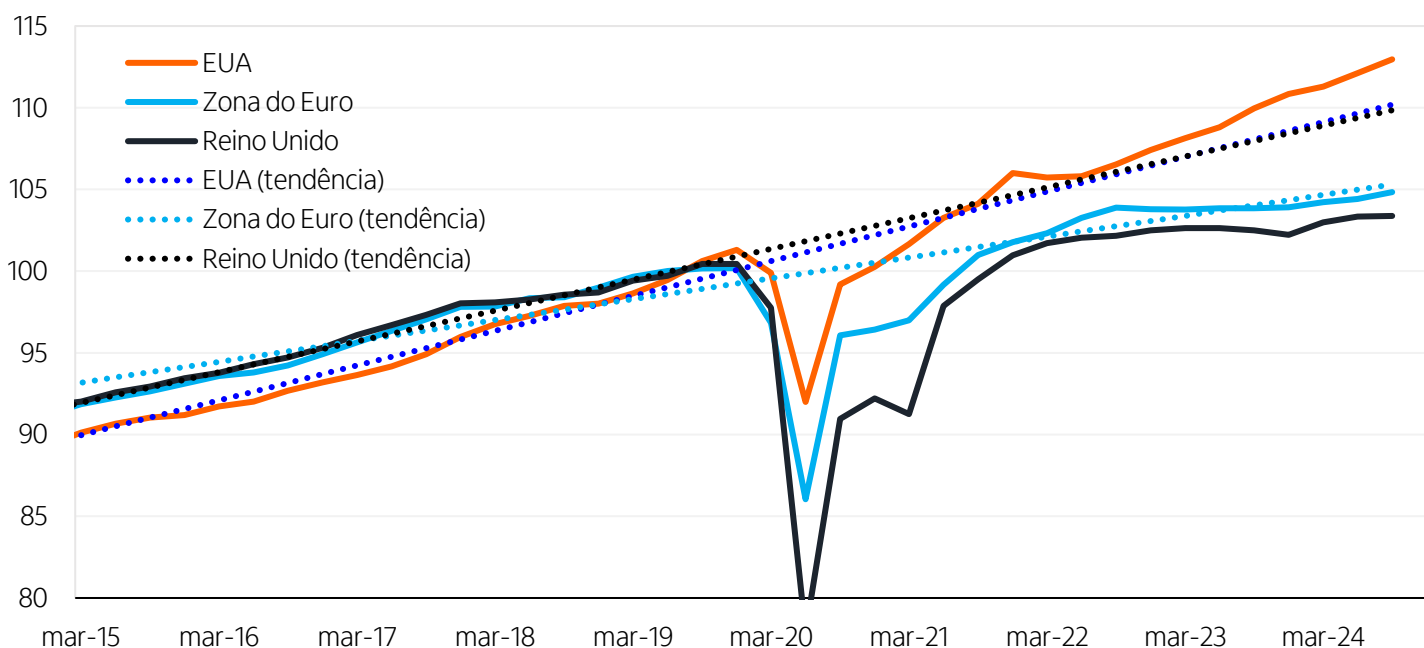
Acreditamos também em uma postura mais cautelosa pelo BC americano, enquanto as novas políticas do novo governo Trump vão sendo implementadas. Avaliamos que a proximidade do final do mandato de Jerome Powell, presidente do Fed, em maio de 2026, poderá adicionar um conservadorismo nos próximos trimestres, com intenção de minimizar o risco de uma inflação muito acima da meta de 2%. Esse conservadorismo, associado aos riscos para o crescimento da agenda de tarifas e imigração, nos faz preferir aplicar juros na ponta mais longa da curva americana, em relação à ponta mais curta.

Na Zona do Euro, a situação macroeconômica segue sugerindo a necessidade de levar a taxa de juros para níveis abaixo do neutro, para evitar que a inflação termine 2025 abaixo da meta de 2%. Membros do ECB têm dado sinais pouco claros nessa direção, e o mercado já está com precificação de quedas bastante avançada, se comparada com outras regiões. Os principais riscos para esse call viriam, primeiro, de uma recuperação, ainda que temporária, da atividade econômica. Desde o fim da pandemia, a Zona do Euro tem tido dinâmicas distintas entre a sua manufatura, que compete com a China, e o turismo fortalecido, gerando uma tendência à reaceleração da atividade nos primeiros meses do calendário. Adicionalmente, uma política fiscal mais proativa na Alemanha, como resultante das eleições de fevereiro (com reforma do debt brake), ou de uma

resolução mais rápida do conflito entre Rússia e Ucrânia, também seriam riscos importantes para a precificação atual na curva de juros. Preferimos alocações na parte média da curva (5 anos), com foco nos juros reais.

Na Inglaterra, a desinflação está atrasada em relação às demais regiões. O Core CPI ainda está em 3,5%, contra 2,8% nos EUA e 2,7% no Canadá e Zona do Euro. Por outro lado, foi lá onde observamos a maior desinflação em relação ao ano passado (até novembro), de -1,6%, mais do que o dobro da desinflação observada nos demais. O BoE tem sido coerente com esse estágio menos avançado da desinflação, tendo cortado apenas -0,5% desde o pico da taxa básica, contra cortes de -1,0% nos EUA e Europa, e -1,75% no Canadá. Acreditamos que a tendência de desinflação deve persistir na Inglaterra, num ambiente de crescimento anêmico (Figura 4) – basicamente, uma trajetória de tendência pré-pandemia semelhante aos EUA, mas com crescimento efetivo tão fraco quanto o da Zona do Euro. É natural que se espere que a política monetária, assim, se assemelhe mais ao ECB e menos ao Fed. Atualmente, o mercado precifica apenas mais 2 cortes ao longo de todo o ano de 2025, contra 4 cortes sinalizados pelo BoE, o que vemos como oportunidade para aplicar juros na parte mais curta da curva. E conforme a desinflação avance um pouco mais, o BoE poderá se preocupar um pouco mais com o ritmo da atividade econômica.

Figura 4: Reino Unido com má performance pós-pandemia, bem abaixo do trend (PIB em nível, 100 = média 2019)



Fonte: Haver

Finalmente, na China, problemas estruturais no crescimento, uma nova rodada de tarifas de importação e um carregue desfavorável contribuem para suportar nossa posição vendida na moeda chinesa. Os riscos contra essa visão são estímulos maiores pelo governo, principalmente no fiscal, com enfoque em políticas para estimular consumo das famílias, algo de que falamos na nossa carta do terceiro trimestre, mas não foi entregue.

Cenário Brasil – Com política monetária contracionista, o risco para inflação vem da falta de credibilidade fiscal.

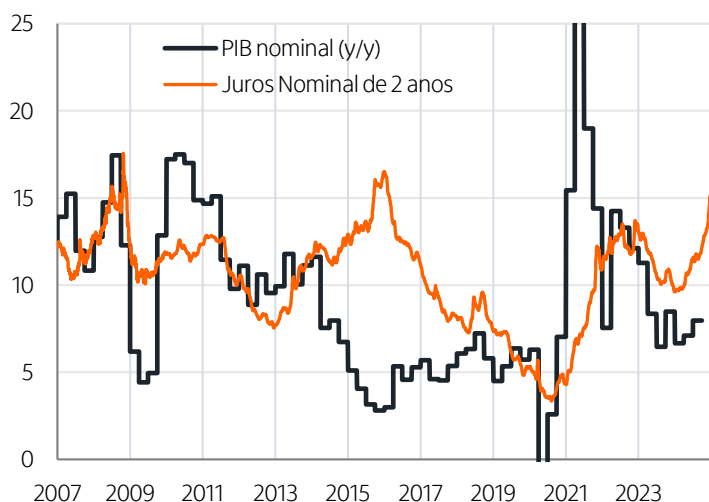
O 1T25 deve continuar desafiador com a falta de credibilidade da política fiscal e inflação pressionada pela depreciação do BRL. O anúncio frustrante do pacote de corte de gastos afetou a credibilidade da condução da política fiscal. A reação dos ativos financeiros foi bastante negativa. O BRL/USD superou 6,00, com alta de 13,5% no 4T24, a maior alta para um quarto trimestre

desde 2008, o que impactará a inflação nos próximos meses. As expectativas de inflação, principalmente em horizontes mais longos, subiram mesmo com o Banco Central tendo subido a taxa Selic de forma contundente. O canal de recuperação da credibilidade fiscal passaria pelo anúncio de novas medidas substanciais de redução de gastos, o que não parece algo provável, ao menos no curto prazo. Ao contrário, o receio do mercado é de que, a partir de fevereiro, o foco do governo passe a ser na reforma do IRPF, com a faixa de isenção atingindo quem ganha até R\$5 mil/mês, e riscos negativos para a situação fiscal do país.

Diante desse cenário, o BCB está ajustando rapidamente a política monetária que avança para território significativamente contracionista. A taxa Selic, seguindo o forward guidance do BC, chegará em 14,25% em março. Esperamos que a Selic termine esse ciclo de alta ao redor de 15%. Nesses níveis, a taxa de juros real de 1 ano estará ao redor de 10%, o maior nível desde 2006 e bem acima de qualquer estimativa de juros neutro. Outra métrica que achamos importante é a diferença entre o juro nominal e o PIB nominal, que está entrando em níveis vistos em 2015-2016 (ver

figura 5). Essa diferença pressiona o balanço dos agentes econômicos, dado que os seus rendimentos são atrelados ao PIB nominal enquanto os seus passivos financeiros seguem a taxa de juros. A comparação internacional também mostra que o nível de juros no Brasil é uma resposta forte ao desvio da expectativa de inflação em relação à meta (ver figura 6). Por fim, vale mencionar que, quanto à atuação do BCB no mercado cambial, esperamos que as vendas significativas de USD no mercado spot, vistas em dezembro, tenham sido uma exceção.

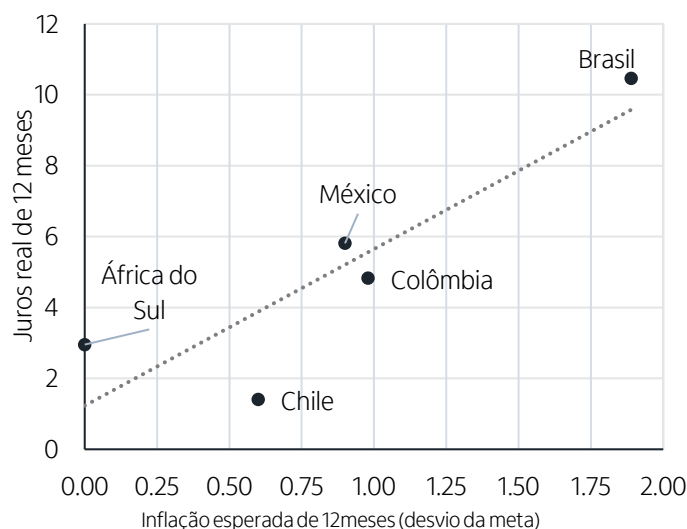
Figura 5: Juros nominal significativamente acima do PIB nominal



Fonte: Bloomberg, IBGE

A atividade deve desacelerar no 1S25, o que é um rebalanceamento adequado, mas que cria riscos. Os juros elevados, o aperto nas condições financeiras e mesmo a diminuição no ritmo de crescimento dos gastos públicos irão desacelerar a economia em 2025. O 1T25 deve ser forte, com expansão significativa do PIB agro, mas o PIB

Figura 6: Comparado com pares, juros real está elevado no Brasil



Fonte: Bloomberg

ex-agro já deve desacelerar no 1S25. Essa desaceleração diminui a pressão inflacionária vinda de um hiato apertado, um rebalanceamento necessário e positivo, mas cria riscos devido às incertezas na reação do governo e possíveis problemas de crédito no setor corporativo.

Nas transações externas, a conta corrente deve melhorar em 2025. Com safra recorde, liderada pela soja, esperamos que as exportações avancem cerca de USD 15 bi versus 2024. Do outro lado, as importações devem moderar com a desaceleração do PIB e a depreciação do BRL. Num cenário plausível de ritmo de PIB ex-agro 0% (com a parte de investimentos negativa) e BRL a 6,5, estimamos um déficit de conta corrente abaixo de 2% em 2025, versus 2,5% em 2024 (ver tabela 1).

Tabela 1: Conta corrente melhor em 2025 com desaceleração PIB e depreciação BRL

PIB25	3.2%	2.8%	2.2%	1.5%
PIB25 ex-agro*	2.4%	1.9%	0.9%	-0.1%
Investimento*	2.0%	0.0%	-2.0%	-4.0%
USDBRL	Conta Corrente 2025			
5.5	-3.3%	-3.1%	-2.8%	-2.6%
6.0	-2.9%	-2.7%	-2.4%	-2.2%
6.5	-2.5%	-2.2%	-2.0%	-1.8%
7.0	-2.1%	-1.8%	-1.6%	-1.3%

*Ritmo trimestral anualizado

Fonte: Bloomberg, IBGE

Com política monetária contracionista, o risco para inflação é dado pela falta de credibilidade da política fiscal. Em 2015, a inflação atingiu 10,7% devido a um choque de preços represados nos anos anteriores (gasolina, energia) e a depreciação de 75% do BRL entre set/14 e set/15, partindo de um déficit em conta corrente de 4,2% do PIB em 2014. Como base de comparação, um movimento do BRL semelhante àquele entre 2014-15, seria repetido com a moeda atingindo níveis de R\$8,50-9,00. Mas nenhum desses fatores parece estar

presente agora. Com a economia desacelerando, a preocupação com o hiato deve diminuir ao longo de 2025. Os preços de commodities (exceto carnes) estão comportados. Entendemos que cenários de inflação acima do intervalo de 5,0-6,0% precisam de novas rodadas de forte depreciação do BRL. Esse risco existe devido à falta de credibilidade fiscal, que segue por hora, até reação mais contundente do governo.

Principais alocações do final do trimestre:

Nos mercados desenvolvidos, nossa posição em moedas reflete uma economia americana que continua crescendo acima das demais regiões, e um FED que tende a ser mais cauteloso em relação a novos cortes, devido aos possíveis riscos inflacionários advindos do início do governo Trump. Nossos shorts preferidos têm oscilado entre moedas asiáticas (principalmente a chinesa) e europeias.

Nos mercados de juros, enxergamos valor na parte curta da curva da Inglaterra, onde acreditamos em mais cortes do que o mercado precifica. Nos EUA e Europa, não vemos grandes assimetrias na política monetária no curto prazo, mas a reprecificação para cima nas taxas da parte longa dessas curvas trouxe valor para iniciarmos posições de flattening, principalmente nos EUA.

Continuamos gostando da posição relativa de inflação longa de EUA contra Europa, pois o prêmio de inflação embutido nos swaps de inflação europeia de longo prazo nos parece injustificado, tendo em vista a normalização da inflação corrente e das implícitas estarem abaixo da meta nos próximos 5 anos.

Em mercados emergentes, seguimos com posições aplicadas no México e otimistas com a África do Sul. No México, encurtamos a exposição porque esperamos um Banxico mais dovish, com potencial aceleração do ritmo de queda já na próxima reunião; e um Fed mais hawkish limitando a taxa de juro terminal no México. Nossa visão positiva sobre a África do Sul continua se baseando na agenda do Governo de União Nacional. Estamos comprados na dívida local e com viés positivo para a moeda do país.

Zeramos posição aplicada na Colômbia e iniciamos nova posição tomada na curva chilena. Na Colômbia, após decisão surpreendente do BC de cortar apenas 0,25% na reunião de dezembro, contra um consenso para 0,50%, zeramos a exposição aplicada. No Chile, temos uma visão mais pessimista para inflação. Acreditamos que a desvalorização do peso, ainda em curso devido ao estreito diferencial de juros contra o dólar, assim como os choques de oferta locais, pode levar a surpresas altistas nos próximos meses, deixando o BC chileno em uma difícil situação para entregar novas quedas de juros. Acreditamos que a curva de juros precisará de mais prêmio de risco.

No Brasil, com a frustração no anúncio do fiscal em novembro, os preços de ativos sofreram forte deterioração.

As condições de liquidez ficaram bastante prejudicadas e os diferentes mercados precificam diferentes níveis de prêmio. Por exemplo, com o dólar ao redor dos R\$6,00, é improvável que a inflação rode acima de 6,0%, contra quase 7,5% precificado no mercado, assim como também é improvável que o BC entenda ser necessário levar a SELIC para muito acima dos 15,0%, versus os 17% precificados na curva na virada do ano. O CDS brasileiro, que é uma medida da probabilidade de default em moeda estrangeira, ainda está em níveis de estresse bem inferiores ao do USDBRL, dos juros nominais e das inflações implícitas, num cenário onde o BC se desfez de reservas num ritmo acelerado durante o mês passado.

Temos operado com viés aplicador de juros nominais e vendedor nas NTN-B, mas também compradores tanto no USDBRL quanto no CDS Brasil como proteção. Além disso, achamos que os riscos são para uma desaceleração mais rápida da atividade econômica em relação ao consenso de mercado. Combinado com a falta de credibilidade fiscal, esse cenário favorece a inclinação da curva de juros.

Devido às condições extremamente

deterioradas de liquidez e volatilidade, preferimos começar o ano relativamente leves nos ativos brasileiros, aproveitando de forma oportunista os exageros do mercado.

Para os mercados de ações, no início de 2025, adotamos uma postura de otimismo cauteloso em relação ao mercado de ações dos EUA.

Embora reconheçamos o potencial de crescimento, é importante destacar que há limitações para uma apreciação significativa via expansão de múltiplos. Assim, acreditamos que os retornos estarão mais alinhados ao crescimento dos lucros, refletindo uma valorização mais moderada que a de 2024. Esse cenário sugere uma abordagem prudente, focada na geração de alpha através da seleção de ações/setores.

Identificamos como principais riscos a possível adoção de tarifas comerciais por parte do governo Trump, uma eventual cautela do FED diante da potencial pressão dessas mesmas tarifas sobre a inflação, e um posicionamento técnico já otimista em relação à bolsa americana.

31 de Dezembro de 2024

Possuímos posição líquida moderada comprada em ações americanas e asiáticas. Nossa exposição setorial está alocada na cadeia de inteligência artificial (semicondutores, computação em nuvem e industriais relacionados a energia), mídia, ETF de biotecnologia e operações relativas no setor financeiro e industrial.

No Brasil, nossa abordagem tática de navegação deve permanecer inalterada em 2025. O valuation de algumas empresas de qualidade encontra-se em níveis comparáveis à crise brasileira de 2015-16. No entanto, múltiplos como indicador único não são determinantes para o desempenho do mercado. O ambiente permanece desafiador, tanto em termos de fundamentos quanto de fluxo. O processo de revisão de lucros das empresas

brasileiras já começou, com a elevação das projeções das taxas de juros nos modelos. Contudo, os efeitos secundários da piora na concessão de crédito, crescimento e, em alguns casos, a falta de poder de repasse de preços, ainda não estão refletidos nas estimativas de mercado para muitas empresas. O mercado de ações tem sofrido com saques nos fundos e a saída de recursos estrangeiros. Não devemos observar reversão dessa tendência, ao menos por parte do fluxo de fundos locais.

Mantemos operações relativas compradas em empresas resilientes, com pouca revisão de lucros a ser feita pelo mercado e, em contraste, estamos vendidos em empresas alavancadas que ainda estão mais expostas a revisões de lucros significativas.

Objetivos do Fundo

Fundo Multimercado Macro que atua no mercado brasileiro e internacional, buscando entregar retorno absoluto ao investidor em qualquer cenário econômico. O time de gestão, com sólida formação macroeconômica, se dedica a identificar relevantes temas de investimentos ainda no seu início de ciclo, combinando análise macroeconômica com acompanhamento de indicadores técnicos de mercado. A dedicação a uma análise detalhada sobre a origem dos resultados obtidos (estratégia e implementação), assegura uma profunda compreensão da forma como o alpha é gerado e é essencial para alcançar retornos consistentes no longo prazo.

102,87% do CDI

Rentabilidade no ano

102,87% do CDI

Rentabilidade dos últimos 12 meses

121,05% do CDI

Rentabilidade desde o início do fundo

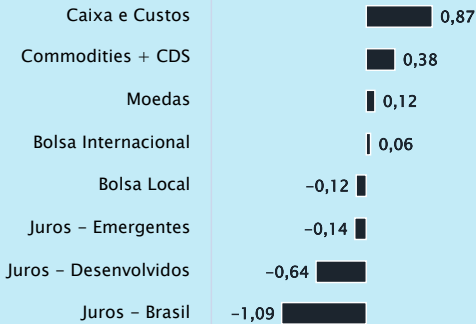
Análise de Retorno

Termômetro de Risco



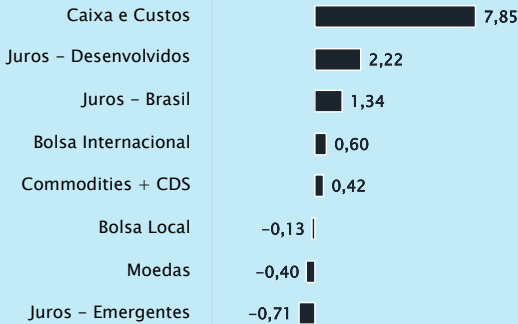
Contribuição no retorno no mês

Nominal em %



Contribuição no retorno no ano

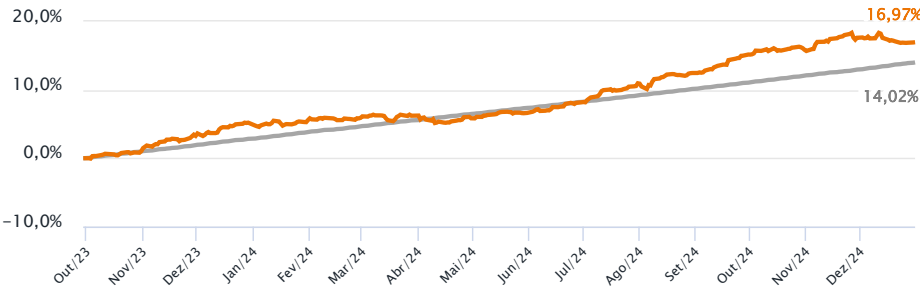
Nominal em %



Retorno Acumulado

Data de início do fundo
29/09/2023

Itaú Janeiro MM
CDI



Retorno Mensal

		Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Ano
	Fundo	0,36%	0,31%	0,30%	-0,35%	0,74%	1,40%	2,63%	1,35%	2,40%	0,60%	1,52%	-0,55%	11,19%
2024	CDI	0,97%	0,80%	0,83%	0,89%	0,83%	0,79%	0,91%	0,87%	0,83%	0,93%	0,79%	0,93%	10,87%
	%CDI	37,17%	38,18%	35,63%	-39,97%	89,16%	178,03%	289,46%	156,17%	287,97%	64,82%	191,99%	-59,63%	102,87%
	Fundo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1,03%	2,21%	1,87%	5,20%
2023	CDI	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1,00%	0,92%	0,90%	2,84%
	%CDI	-	-	-	-	-	-	-	-	-	103,54%	241,25%	208,87%	183,34%

Comentários do Gestor

15

Meses desde o início do fundo

53%

Meses em que esteve acima do benchmark

87%

Meses de retorno positivo do fundo

2,77% Volatilidade 12 meses

Características

Volume Global Mínimo*
R\$ 1,00

Classificação Tributária
Longo Prazo Sem Compromisso

Patrimônio Líquido Médio
Últimos 12 meses
R\$ 124.679.678,05

Taxa Total Máxima
2,00%

Taxa de Performance
20% sobre o que exceder 100% do CDI

Público Alvo
Público Em Geral

Horário para Movimentação
Até às 15:00

Aplicação e Resgate
Cota de aplicação (dias úteis): D+0
Cota de resgate (dias úteis): D+21
Crédito do resgate (dias úteis após cotização): D+1

Taxas do Produto

	Administração	Custódia	Distribuição	Gestão
Taxa cobrada ao ano	0,05%	0,05%	0,20%	1,70%
Taxa máxima ao ano	0,05%	0,05%	0,20%	1,70%

O fundo poderá, eventualmente, apresentar indisponibilidade, permanente ou temporária, de acesso por parte de investidores. Em caso de dúvidas, consulte seu gerente de relacionamento

Acesse outros documentos relevantes deste fundo: www.itaui.com.br/investimentos-previdencia/fundos/informacoes-cotistas/

Glossário: LF - Letra Financeira. CDB - Certificado de Depósito Bancário. LSF - Letra Financeira Subordinada. LFSN - Letra Financeira Elegível - Nível II. DEB - Debêntures. NP - Notas Promissórias. CCB - Cédula de Crédito Bancário. FIDC - Fundo de Investimento em Direitos Creditórios. DPGE - Depósito a Prazo com Garantia Especial. Debentures Conversível. Certificado de Recebíveis Imobiliários. LC - Letra de Câmbio. LCA - Letra de Crédito Agrícola. LCI - Letra de Crédito Imobiliário. DEB COMP - Debênture Compromissada. CDB Vinc - Certificado de Depósito Interbancário Vinculado. CRI - Certificado de Recebíveis Imobiliário. CDCA - Certificado de Direitos Creditórios do Agronegócio. CPR - Contas a Pagar e Receber. DPGE - Depósito a Prazo com Garantia Especial. COMPR - Operação Compromissada. LH - Letra Hipotecária. TERMO - Contrato a Termo



Signatory of:



Informações relevantes

ITAÚ JANEIRO MULTIMERCADO FUNDO DE INVESTIMENTO FINANCEIRO DA CLASSE DE INVESTIMENTO EM COTAS RESPONSABILIDADE LIMITADA CNPJ 52.116.227/0001-09 - 31/12/2024

Este fundo possui lâmina de informações essenciais, podendo esta ser consultada no seguinte endereço eletrônico www.itaui.com.br. Não há garantia de que este fundo terá o tratamento tributário para fundos de longo prazo. Os rendimentos serão tributados semestralmente, no último dia útil dos meses de maio e novembro, à alíquota de 15%. No momento do resgate, será aplicada a alíquota complementar em função do prazo da aplicação: até 180 dias, 22,5%; de 181 a 360 dias, 20%; de 361 a 720 dias, 17,5%; acima de 720 dias, 15%. Haverá cobrança de IOF regressivo no caso de resgates de aplicações com menos de 30 dias. Público alvo: O FUNDO, a critério do ADMINISTRADOR, receberá recursos de fundos de investimento, pessoas físicas e jurídicas, clientes do ADMINISTRADOR, do GESTOR ou de controladas, direta ou indiretamente, pela Itaú Unibanco Holding S.A. Objetivo do fundo: O objetivo do FUNDO é aplicar seus recursos em cotas de fundos de investimento de diversas classes, os quais investem em ativos financeiros de diferentes naturezas, riscos e características, sem o compromisso de concentração em nenhum ativo ou fator de risco em especial, observado que a rentabilidade do FUNDO será impactada em virtude dos custos e despesas do FUNDO, inclusive taxa de administração.. Tipo Anbima: MULTIMERCADOS LIVRE - Fundos que são baseados nas estratégias preponderantes adotadas e suportadas pelo processo de investimento adotado pelo gestor como forma de atingir os objetivos e executar a política de investimentos dos Fundos. Fundos que não possuem obrigatoriamente o compromisso de concentração em nenhuma estratégia específica. Início do fundo em: 29/09/2023. Taxa de Administração máx.: 2,00%. Taxa de Performance: 20,0% do que exceder 100,0% do CDI. Fonte de dados do material: Itaú Asset Management. Material de divulgação do fundo - A Itaú Asset Management é a gestora de fundos de investimentos do Itaú Unibanco. Leia a lâmina de informações essenciais, se houver, e o regulamento antes de investir. Rentabilidade passada não representa garantia de rentabilidade futura. A rentabilidade divulgada não é líquida de impostos. Fundos de investimento não contam com garantia do administrador, do gestor, de qualquer mecanismo de seguro ou fundo garantidor de crédito - FGC. Para obter mais informações, entre em contato pelo telefone 4004-4828. Consultas, sugestões, reclamações, críticas, elogios e denúncias, utilize o SAC: 0800 728 0728, todos os dias, 24 horas, ou o canal Fale Conosco (www.itaui.com.br). Se necessário contate a Ouvidoria Corporativa Itaú: 0800 570 0011 (em dias úteis das 9h às 18h) ou Caixa Postal 67.600, CEP 03162-971. Deficientes auditivos ou de fala, todos os dias, 24 horas, 0800 722 1722.